

Histórias do Piauí: a arte de contar

ÁUREA DA PAZ PINHEIRO & RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

Áurea da Paz Pinheiro: Brasil, historiadora, professora da Universidade Federal do Piauí e da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Líder dos Grupos de Pesquisa/CNPq Memória, Ensino e Patrimônio Cultural e VOX MUSEI arte e patrimônio. Coordenadora do Grupo de Trabalho em nível Nacional Patrimônio Cultural, ANPUH-Brasil (Associação Nacional de História). Endereços eletrônicos www.ufpi.br/patrimoniocultural, <http://memoriaensinopatrimoniocultural.blogspot.com.br>, www.voxmusei.fba.ul.pt

Rita de Cássia Moura Carvalho: Brasil, fotógrafa e documentarista, doutoranda na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Líder dos Grupos de Pesquisa/CNPq Memória, Ensino e Patrimônio Cultural e VOX MUSEI arte e patrimônio.

Artigo completo submetido no dia 3 de junho e aprovado a 10 de junho de 2013.

Resumo: Apresentamos neste artigo uma experiência de contação de história-espetáculo, de natureza lúdico-interativa realizada com crianças entre 7 a 12 anos, em uma escola municipal localizada no entorno da Universidade Federal do Piauí, Nordeste do Brasil. Na narrativa do espetáculo, as crianças viajaram em um trem imaginário pelo sertão do Piauí. Ao longo da viagem, como protagonistas das histórias e cantigas de roda que (re) escreveram, encontraram-se com outros personagens do folclore da região, que entravam no trem e seguiam viagem.

Palavras chave: Patrimônio / Contação de Histórias / Arte Educação.

Title: *Stories of Piauí: the art of storytelling*

Abstract: *In this article we aim to share an experience of storytelling performance of ludic interactive nature, developed with children between the age of 7 and 12, which took place in a public school near the Federal University of Piauí (northeastern Brazil). In this narrative, the children travel in an imaginary train through “sertão” (the backlands) of Piauí. Throughout the trip, the children — as protagonists of the stories and “cantigas de roda” (circle dances), they (re)wrote — meet other characters of the local folklore of the region, who come on the train and travel with them.*

Keywords: *Heritage / Storytelling / Art / Education.*

Canções, cirandas, travalinguas, adivinhações e lendas atravessaram as narrativas elaboradas coletivamente pelas crianças nas oficinas para o espetáculo “Histórias do Piauí: a arte de contar”.



Figura 1. Crianças em cena na Universidade Federal do Piauí, 2012. Foto: Cássia Moura.

Realizamos quatro encontros semanais de 2 horas ao longo do mês de abril de 2012 com crianças do 5º da Escola Municipal Noé Araújo Fortes. Anteriormente, apresentamos a proposta de trabalho à direção, coordenação e professores da Escola, particularmente com a professora da turma.

Ao longo das oficinas, memórias, histórias e personagens de cirandas e lendas aproximaram as crianças do imaginário coletivo, permitiram-lhes conhecer o patrimônio oral, ouvir, contar e cantar cirandas e lendas de outros tempos, esquecidas nos dias de hoje.

No mês de maio de 2012, o espetáculo foi encenado na Universidade Federal do Piauí e na própria escola. Ao final do espetáculo as pessoas deveriam interagir com as crianças, entrarem no trem, cantar, portanto, atravessadas pelo mundo das brincadeiras infantis. O que pretendemos foi incentivar a arte de contar histórias, aproximar o saber-fazer da escola do saber-fazer cotidiano das famílias e das crianças (Figuras 1 e 2).



Figura 2. Crianças em cena na Universidade Federal do Piauí, 2012. Foto: Cássia Moura.

Nas atividades com as crianças, usamos a metodologia das oficinas, nas quais as histórias foram contadas e (re) contadas; o cenário foi elaborado coletivamente: trem, máscaras, figurino e instrumentos musicais; era preciso envolvê-las, perceber as suas habilidades e competências; o mundo real onde viviam, repleto de referências para (re) contarem histórias de outros tempos, histórias nas quais passado-presente, realidade-ficção se mesclaram e deram cor e som ao espetáculo.

Ao longo das atividades, as crianças tiveram a oportunidade de vivenciar um projeto lúdico-interativo, cujo centro era a contação de histórias, o patrimônio oral, acervo rico e complexo da cultura popular brasileira e piauiense em particular. Ao embarcaram em um trem imaginário, as crianças (re) criaram histórias, protagonizaram a narrativa, sentiram-se valorizadas.

O trabalho foi lúdico e interativo. Nas oficinas de contação de histórias e confecção do cenário, as crianças viveram a experiência de criarem a cênica do espetáculo, confeccionar o trem, cento da narrativa e visível ao longo do percurso, repleto de sons das cirandas e lendas. Os instrumentos musicais foram elaborados com garrafas de plástico de embalagens de refrigerantes, pintadas com tinta para plástico, ornadas com fitas, retalhos e restos de papel colorido; arroz, feijão e milho deram sonoridade aos instrumentos confeccionados.

Na confecção do cenário e figurinos foram utilizados papel madeira em folhas, rolos, collar set verde, que permitiram simular a água presente no cenário; lápis de cor, hidrocor, tinta guache, pincel, tesoura, fita gomada, cola, dentre outros. Na fabricação do trem foram utilizadas caixas de papelão vazadas, revestidas de papel colorido, pintadas e unidas por cordas e cordões.

Alguns meninos estiveram no interior do trem, outros entraram ao longo do percurso. No final da apresentação, o público, motivado pelas crianças, igualmente viajou no trem imaginado, reviveu o mundo das brincadeiras infantis.

O mote do projeto "Histórias do Piauí" é contar histórias e memórias inscritas na tradição oral brasileira e piauiense em particular, trazer para a escola histórias, personagens e canções esquecidas.

O trabalho nos revelou que há uma natureza humana com raízes ancestrais, um mundo nos escombros, à espera de ser descoberto em um trabalho de memória, um mundo mágico e encantado, guardado, que nos parece inacessível, intocado, mas que ao vir à tona se mescla com o real, com o fictício. A palavra narrada revela a força da tradição oral, capaz de criar e (re) criar histórias, e outras memórias (Le Goff, 2003; Nora, 1993).

Nas narrativas elaboradas pelas crianças estão referências culturais inscritas na tradição oral, ressonâncias de outros tempos, com cheiro, sabor, sonoridade e teatralidade. As palavras, assim como as crianças, estiveram em

movimento, em uma dinâmica visível, sensível, libertadora em um ambiente escolar muitas vezes marcado pelo saber-poder, cujo protagonista é quase sempre o professor, não o aluno; falta, portanto, a percepção de que a aprendizagem é dialógica, libertadora, que o educador deve ser apenas o motivador e coordenador da aprendizagem (Freire, 1996).

Nos encontros que realizamos com as crianças nas oficinas, percebemos como são criativas, inventivas e que apenas precisam sair das margens e ocuparem o centro da sala de aula. Como os contadores de histórias, perceberam a força e o poder da palavra, o poder e a força da teatralização, o gosto por aprender.

Percebemos, assim, que professor e aluno podem juntos tecerem as narrativas, as histórias, viverem “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa [...] fonte a que recorreram todos os narradores” Benjamin (1996: 198); percebemos no trabalho prático nas oficinas que narrar significa trazer para o coração o que está na memória. Segundo Benjamin (1996: 201) “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”

Destacamos a importância deste trabalho para a conhecimento de “referência cultural”, de valor afetivo, sentimental, da importância da memória para as comunidades.

Quando se fala em ‘referências culturais’, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido [referências para quem?]. Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens — que em geral se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu ‘peso’ material e simbólico — para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados (INRC, 2000: 11-12).

O trabalho com as crianças na Escola nos permitiu refletir juntos sobre a importância de considerarmos a diversidade cultural brasileira, aspectos de um cultura material, simbólica, marcada por práticas e valores ancestrais.

Acreditamos que o valor do patrimônio não está impresso em si, mas nas relações estabelecidas em um tempo e espaço dados, que é preciso considerar os indivíduos que ocupavam os lugares, as formas de apropriação e representação do mundo (Chartier, 1991), as formas de produção elaboradas ao longo do tempo por culturas ancestrais, as relações com o patrimônio e paisagem cultural (portaria No 127, de 30 de Abril de 2009/Iphan, estabeleceu a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Título I, Art. 10. “Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação

do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”).

Desejávamos que ao final da apresentação do espetáculo o público interagisse com as crianças, entrasse no trem, cantasse, fosse atravessado pelo mundo das brincadeiras infantis. O que pretendemos foi incentivar a arte de contar histórias, aproximar o saber-fazer da escola do saber-fazer cotidiano das famílias e das crianças.

Referências

- Benjamin, Walter (1996). A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica: “O narrador”. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, 10. Reimpr. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, p. 165-221.
- Chartier, Roger (1991) “O mundo como representação.” *Estud. av.* ISSN 0103-4014. [em linha]., vol.5, n.11 [Consult. 2013-06-25], pp. 173-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>.
- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. — São Paulo: Paz e Terra. — (Coleção Leitura)
- Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação* (2000). Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Le Goff, Jacques (2003). *História e memória*.

Campinas: Ed. Unicamp.

Nora, Pierre (1993). “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro.

NB. O trabalho nas oficinas com as crianças foi coordenado por Márcia Evelin de Carvalho, autora da dissertação *Literatura e Contação de Histórias: memórias e identidades culturais em uma comunidade de afro-brasileiros* (Oeiras, Piauí, Brasil), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí — UFPI, sob a orientação da Profª Áurea da Paz Pinheiro. Este trabalho se insere nas atividades do Projeto “Memória, Cultura, Identidade e Patrimônio Cultural”, sob a coordenação da referida professora e financiado com recursos CAPES/Minc/Programa Pró-Cultura.